

HERBERTO HELDER E EMANUEL FÉLIX – A TRADUÇÃO DA POESIA ORIENTAL

JOHN KINSELLA

Kinsella, John (2010), Herberto Helder e Emanuel Félix – A tradução da poesia Oriental. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 19: 367-372.

Sumário: Herberto Helder e Emanuel Félix “traduziram” ou escreveram várias versões de poesia oriental num diálogo entre os pequenos arquipélagos dos Açores e da Madeira e essa cultura milenar. São, assim, exemplos de uma poesia mais universal.

Kinsella, John (2010), Herberto Helder and Emanuel Félix – Translating Poetry from the East. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 19: 367-372.

Summary: Herberto Helder and Emanuel Félix “translated” or wrote several versions of poetry from the Far East as if in a dialogue between this ancient culture and the small archipelagos of the Azores and Madeira. Therefore they are examples of a truly universal poetry.

John Kinsella – NUIM – National University of Ireland, Maynooth.

Palavras-chave: Helder, Félix, poesia, tradução, oriental.

Key-words: Helder, Félix, Poetry, translation, East.

A longa e histórica ligação de Portugal à China remonta ao século dezasseis, quando o recife imperial de Macau era desenvolvido na orla daquele vasto espaço territorial. Os primeiros visitantes europeus à colónia incluíam a figura literária mais conhecida de Portugal, Luís Vaz de Camões, cuja obra principal, *Os Lusíadas*, revela uma atmosfera na qual “o contacto

directo com a experiência em culturas desconhecidas proporcionava uma relação mais dialogística com a “estranheza”, embora Camões fosse tão etnocêntrico como muitos dos imperialistas mais tenazes”¹. Influenciado

¹ David Brookshaw e Clive Willis, em “Introduction” *Luso-Asian Voices* (Bristol: 2000), p. 11.

pelo pensamento utópico de Tomé Pires e outros, havia também uma tendência para retratar a estranheza através do realce das qualidades inexistentes na cultura materna. Não há dúvida que ele estava a reagir de acordo com um período particular e uma sociedade com os seus próprios e característicos princípios e superstições, seus mitos e lendas. Ainda assim, apesar das atitudes imperialistas tão aparentes n' *Os Lusíadas*, não é insignificante que também existe uma certa admiração por conceitos da China, mesmo quando estes eram baseados, frequentemente, em entendimentos erróneos da cultura em si. Fernão Mendes Pinto foi outro dos viajantes para a China e Japão, cuja obra *Peregrinação* também foi influenciada por Tomé Pires, evocando as fortes divergências entre a avareza e a corrupção na Europa em contraposição com o grande sentido moral e harmonia espiritual aparente na China. Portanto, não é axiomático que a experiência imperial fosse descrita através dum paradigma totalmente maniqueísta.

O pensador chinês Zhang Longxi produziu um texto fascinante e seminal, que serve de resposta ao tipo de estereotipagem ao qual nos temos vindo a referir e apresenta uma útil revisão de percepções tão distorcidas e tão falsas. A reformulação que faz desta questão é sumariada no excerto que se transcreve:

Na fusão de horizontes, nós somos capazes de ultrapassar as barreiras da língua e da cultura de modo a não mais existir o isolamento do Este e do Oeste, não mais o exótico, mistificador, inexplicável Outro, mas algo para ser aprendido e assimilado até se tornar parte do nosso conhecimento e experiência do mundo. Desta maneira, ao desmistificar a China como o mito de Outro, este desaparece mas não a sua beleza, pois as verdadeiras diferenças entre a China e o Oeste serão, plenamente, reconhecidas e o outro verdadeiro da China será apreciado como contributo à variedade do nosso mundo e à totalidade do que nós ainda podemos, orgulhosamente, designar por património da cultura humana².

É de acordo com as ideias dos parâmetros aqui expressos que eu esperaria encontrar algum princípio comum da correspondência mútua para o envolvimento com as divergências que surjam em discussão no Este e Oeste. A obra de Zhang Longxi transformou, certamente, a teoria e a prática e também demonstra as ressonâncias excepcionais da compreensão autêntica quer da variedade, da universalidade, das oposições e das conver-

² Zhang Lonxi, *Mighty Opposites: From Dichotomies to Difference in the Comparative Study of China* (Stanford: Stanford University Press, 1998), p. 54.

gências nos modos de compreender o mundo. Uma consequência disto para o leitor ou tradutor é aquele sentido de envolvimento numa viagem de ida e volta que pode prover uma “abertura a versões alternativas da universalidade, que são trabalhadas a partir da tradução em si”³. A relação interdependente entre a tradução ocidental e um texto de origem oriental pode, assim, ser considerada como uma dimensão recreativa e libertadora na qual o original é recuperado e restituído ou “recriado”⁴ em toda a sua frescura.

O resultado deste trabalho de tradução deveria ser o estabelecimento de um tipo de mundo poético no qual, tal como Stephen Owen reivindica, o tradutor é capaz de “criar aproximações interessantes, indicar um rumo, dar ecos, construir famílias de diferenças”⁵. Deste modo a tradução não destrói o original, uma vez que procura abranger toda a sua essência sentimental e facilitará a si mesma ser leal à sua missão de realce da nossa

apreciação de diferentes aptidões, assim como da nossa participação numa busca de valores diferentes, porém, partilhados. Esta questão é mais significativa em relação à poesia em si e apresenta uma ligação com as proclamações de suprema importância de Zhang Lonxi. Na verdade, Owens não procura abolir nem evitar as diferenças, defendendo simplesmente que “a poesia chinesa não é «estranha» mas «desconhecida»”⁶. Owens recusa aceitar uma forma simplista quer de uniformidade quer de distância insuperável e actua como um mentor vital em qualquer análise minuciosa às traduções do próprio Emanuel Félix, ao apelo e aceitação delas enquanto género de poesia Portuguesa reformulada.

Uma das particularidades das traduções de Emanuel Félix de poemas chineses e japoneses é o sentido de reverência demonstrado, combinado com o reconhecimento de uma certa elasticidade na beleza clássica exibida. Isto é o que enceta uma senda

³ Judith Butler, “Competing Universalities”, em Judith Butler, Ernesto Laclau e Slavoj Žižek, *Contingency, Hegemony, Universality: Contemporary Dialogues on the Left* (London: Verso, 2000), p. 179.

⁴ Este é o termo usado por Roslyn Joy Ricci no seu excelente artigo “Lost in translation or Gained in Creation: Classical Chinese Poetry Re-Created as English Poetry”, 15th Biennial Conference of the Asian

Studies Association of Australia, Canberra, 29th June-2 July 2004. Este trabalho abriu uma perspectiva muito eficaz para a minha compreensão da tradução do chinês para o português.

⁵ Stephen Owen, “Response to ASAA Abstract”. Personal communication: e-mail to Roslyn Ricci, 12 March, 2004.

⁶ Owen, *ibid.*, 2004

a partir de uma pequena ilha do arquipélago dos Açores, uma viagem recreativa que toma em consideração um diálogo autêntico com uma cultura milenar. O palco é, por conseguinte, estabelecido para obras de tradução que se inter-relacionam com o mundo oriental numa tentativa de interpretação cultural e temporal. No caso dos poetas chineses, ademais, existem ingredientes importantes que revelam um profundo entendimento da ligação entre a emoção humana e a paisagem natural de tal maneira que compõem o mundo natural como um espaço para a revelação da emoção humana. Todavia, as associações e suposições de imagem e metáfora não podem ser imediatamente conjecturadas em qualquer empreendimento desta espécie. Por exemplo, a pega na China está ligada à felicidade enquanto o grou era visto como uma ave mágica que está relacionado com a vida longa e com a feitiçaria taoista⁷. Contudo, tais metáforas podem não atravessar de imediato as barreiras culturais sem uma explicação minimamente razoável das experiências que estão por detrás delas, é também importante tomar em consideração que eles são capazes de ultrapassar as barreiras culturais e temporais.

⁷ Veja-se Greg Whincup, *The Heart of Chinese Poetry: China's Greatest Poems Newly Translated* (New York: Anchor Press, 1987), p. 114.

Os leitores das traduções de Félix precisam de saber que as suas recriações de poetas como Wang Yan têm sido recriadas a partir de traduções em Francês, que são elas próprias versões de um original chinês que dá proeminência à economia verbal, concisão, linguagem coloquial, valorizando a imagem exacta ou singular. No entanto, a língua chinesa usa caracteres e conceitos como “xin” em que a palavra para “*heart-mind*” também tem conotações de “ter palavra de honra”; uma noção confuciana importante, na qual a ideia de ter palavra de honra é um marca de *heart-mind* genuíno ou um modo de estar no caminho certo. Finalmente, o sentido de ordem chinês é mais estético do que racional e há mais dificuldade em conferir emoção e razão. Assim, o concreto ou o particular contribui mais para a amalgamação de poesia do que para o racional.

Nesta óptica de tradução é importante sublinhar que Herberto Helder e Emanuel Félix escreveram várias versões de poesia japonesa e chinesa como estes bonitos exemplos dos “Quinze Haikus Japoneses” escritos por Helder:

Ervas do estio:
Lugar onde os guerreiros
Sonham.
Um cuco

Foge ao longe – e longe,
Uma ilha

Primeira neve:
Bastante para vergar as folhas
do junquilha.⁸

Nos “14 Poemas Chineses” do Emanuel Félix há um tom hermético e oblíquo presente no tratamento da passagem do tempo e da proximidade da natureza que serve para a especulação metafísica como no poema “Elegia das flores”

Os homens esperam viver cem anos,
Mas as flores vivem uma primavera.
Porém, num dia de vento e de chuva,
Elas podem desfolhar-se na poeira.
Se as flores soubessem afligir-se com isso,
A sua tristeza seria maior que a dos homens.

(LU KUEI MENG, Séc. IX)⁹

Esses poemas Chineses e Japoneses constituem juntos uma concentração de obras sucintas que torna a tradição oriental mais amena ao leitor europeu. São também testemunhas

dos esforços de Helder e Félix como poetas e tradutores. O acto de traduzir é uma maneira de reproduzir um diálogo com a cultura oriental cujos horizontes são muito diferentes dos portugueses apesar da longa história entre as culturas europeia e asiática. A representação de poemas chineses e japoneses por mãos açorianas ou madeirenses transporta-nos a um outro mundo. Neste caso é um delicado equilíbrio entre o humano e o natural, que é o resumo da civilização chinesa no seu melhor estado. Como os Professores Hall e Ames destacam no seu respeitado estudo, *Thinking from the Han*¹⁰, a sensibilidade chinesa concentra-se no particular para expressar as conexões que constroem mundos universais. A poesia chinesa, quando sublinha o aqui e agora, condensa, num sentimento de estranha beleza, as curiosas mas magníficas transições. É justamente essa primariedade de sentimento que Helder e Félix captam nas suas interpretações. O Chinês fala do ‘coração-mente’ – nunca apenas da mente – e esses poemas tornam claro o porquê de estar desse órgão híbrido no centro de seu mundo cultural. Da natureza à psique, da tristeza à euforia, da escravidão sexual à pura beleza, todas essas

⁸ Herberto Helder, *Poesia Toda* (Lisboa: Assírio & Alvim, 1990), p. 219.

⁹ Emanuel Félix, *The Possible Journey Poems (1965-1992)* (Providence: Gávea-Brown, 2002), p. 132.

¹⁰ David Hall e Roger Ames, *Thinking from the Han* (Albany: State University of New York Press, 1998), pp. 103-120.

mudanças abruptas expressam um sentimento de unidade. Helder e Félix conduzem-nos ao sumptuoso reino da poesia chinesa e japonesa com mãos de artistas em acção, firmes e habilidosos. Por outro lado, abrem uma iniciativa poética muito eficaz que convida o leitor a uma perspectiva nova onde as percepções e qualidades desse mundo oriental são reproduzidas numa afirmação triunfante duma poesia de poder universal.